


MEMÓRIA // O CANTOR MORREU HÁ 19 ANOS // Texto Paulo Moura





26/02/06
(PiBeica)

José Afonso

O último concerto da clandestinidade

A 2 de Março de 1974, quando estava proibido de cantar em Portugal, José Afonso, com José Jorge Letria, Adriano Correia de Oliveira, Vitorino e Fausto, deu um concerto memorável em Madrid. Quando passam 19 anos (23 de Fevereiro de 1987) sobre a sua morte, conta-se a história da última vez que cantou antes do 25 de Abril.

A meio da noite, o Zeca Afonso levantou-se. Dormiam todos no chão, na casa do Susso Iglésias, em Madrid. O Zeca caminhou por entre os corpos envoltos em sacos-cama ou em mantas. Estava descalço, de pijama, sem óculos, despenheado, branco como um fantasma. "Vou-me embora!", disse. Ao princípio quase ninguém acordou. Mas o Zeca não estava a brincar. Gritou: "Nem que tenha de ir a pé!"

Minutos depois, tinham acordado todos. O grande concerto em San Juan Evangelista estava marcado para o dia seguinte e o Zeca queria ir-se embora. Que se passava? "Tenho uma pedra no diafragma", explicava ele, que com os nervos ficava ainda mais hipocondríaco. "Sinto um aperto. Não consigo respirar."

Quería a todo o momento telefonar à mulher, Zélia, que, ao contrário do habitual, ficara em Lisboa. Quería fugir dali, antes que a polícia cancelasse o espectáculo e os prendesse a todos.

Levaram-no para a rua. Vitorino ficou a convencê-lo, até de manhã. O concerto era importante, o perigo não era maior do que os que enfrentavam todos os dias, em Portugal, explicava o cantor, que na altura tocava apenas guitarra. E segurava no papel com as letras, ou fazia de ponto, quando estavam em palco e o Zeca se esquecia das canções.

Não havia polícia, não estavam a ser espiados, garantia Vitorino, sabendo que era mentira. Mas era preciso tranquilizar o Zeca, que andava ultimamente com estranhos sentimentos. Porque era disso que se tratava, não de medo da polícia, que o Zeca Afonso, definitivamente, não tinha.

Vitorino Salomé lembrou-se do que acontecera precisamente um ano

antes, na Marinha Grande. O concerto estava marcado, a sala cheia, quando chegou a GNR e a PIDE, com baionetas, para os proibir de tocar. Ele, Vitorino, escondeu-se atrás do piano. O Zeca e o Adriano empunharam as guitarras e foram-se aos polícias, que acabaram por se retirar, enquanto o público cantava...

Zeca Afonso fora preso pouco antes desse episódio. E só-lo-ia depois. E estava proibido de actuar fosse onde fosse, e não podia trabalhar, e tinha polícias em permanência à porta da sua casa. "O Zeca era um homem de coragem", recorda Vitorino.

Andava esquisito ultimamente. Mas a famosa "teatralidade coimbrã" não seria completamente alheia a certas manifestações mais paranóicas. Vitorino, pelo menos, interpretava-as assim.

Voltaram para casa.

Era uma espécie de república, que o galego Susso Iglésias, de 19 anos, partilhava com outros estudantes na Calle Princesa, em Madrid. Os cantores Fausto, Adriano Correia de Oliveira, José Jorge Letria, o jornalista Fernando Cascais, que fora fazer a cobertura do concerto para a revista "Flama", tinham voltado a adormecer.

As noites eram longas. O vinho, os petiscos no restaurante Os Augustos, ali na zona da Puerta de Los Franceses, as farras, as discussões políticas entre as várias facções (Fausto era do MRPP, Zeca e Vitorino da LUAR, Adriano do PCP), as conversas e as "jam sessions" com os cantores espanhóis Elisa Serna, Pablo Guerrero, Luis Pastor, tudo isso tornou a semana esgotante. E também os contactos com as "fãs" de Espanha, onde, como logo notou Vitorino, "a revolução sexual estava muito mais avançada".

Não havia um minuto de descanso, ainda que não fosse hábito ensaiar e não conviesse sair de casa, para não dar nas vistas.

Era, em Espanha e em Portugal, um período fascinante, agitado, perigoso, sobressaltado, carregado de incerteza e esperança, aquele mês de Fevereiro de 1974.

Tudo foi preparado na Galiza. O cantor Benedicto García tinha convidado José Afonso e organizado vários concertos na Corunha, em Orense, em Santiago de Compostela. Naquele início dos anos 70, os cantores de intervenção portugueses talvez fossem mais conhecidos na Galiza do que em Portugal. Hoje, são-no seguramente. Há um verdadeiro culto do Zeca Afonso entre os galegos. Todos os anos, pelo 25 de Abril, mais de dez bares de Vigo

organizam festas dedicadas a Zeca Afonso. Um deles, o UF, considerado anarquista e cujos proprietários são demasiado jovens para terem conhecido o Zeca, tem fotografias do cantor português enchendo todas as paredes, como se se tratasse de um santo.

Entre 1971 e 1973, Benedicto organizou concertos com o Zeca em várias cidades galegas e foi num deles, em Santiago em 1972, que Susso Iglésias, então com 17 anos e hoje director da Televisão da Galiza, conheceu o criador da canção popular portuguesa de intervenção.

Ficou seduzido com a sua personalidade. A sua desorganização, a sua generosidade. A forma como aceitava todos os convites para tocar, fosse a que horas e em que local fosse, apesar do cansaço. A forma como, nos restaurantes, nunca pedia nada para ele. E

"Esquecia-se de tudo, menos das pessoas. Dessas lembrava-se, desde que as visse uma vez", recorda Zélia



como, quando chegavam os pratos, desatava a petiscar pedaços da comida de uns e de outros.

Ficou fascinado com a sua voz e a sua força e quando, no ano seguinte, foi estudar jornalismo para Madrid, já sabia qual poderia ser a sua participação no movimento político e artístico que agitava os círculos académicos da capital.

O franquismo agonizava, a repressão intensificava-se mas surgiam também voementes focos de abertura.

Nos meios universitários, o clima revolucionário parecia imparável. Um dos principais núcleos do activismo cultural e político era o Colegio Mallor San Juan Evangelista, um centro residencial para estudantes de várias faculdades. O JONI, como era

conhecido, era visto pela polícia como o maior palco de subversão da capital espanhola.

"Até os padres eram progressistas", recorda Susso. A cumplicidade era total. Quando a polícia entrava, para as suas rugas regulares, formava-se uma nuvem de papéis no ar, com os panfletos de propaganda clandestina que os estudantes se apressavam a atirar pelas janelas.

Na sala de espectáculos do JONI, havia todas as semanas festi- →

→ vais de jazz, de rock, de cinema e de teatro. Tudo supervisionado por dois velhos trotskistas valencianos de cabelo comprido e roupas esfarrapadas, o Jimi e o Hoci. Mais conhecidos como o Jimi "Hendrix" e o Hoci "Min".

A sala estava sempre cheia, os espectáculos transformavam-se obrigatoriamente em comícios, as plateias eram euforicamente politizadas, e Susso pensou: "Tenho de trazer cá o Zeca."

Partiu para Lisboa. Encontra-se com Zeca e Zélia Afonso e explicou-lhes os seus planos. Levaram-no para a sua casa, em Setúbal. Ficou lá dois dias. O Zeca, como sempre, disse logo que iria a Madrid. Zélia, como sempre, começou a pensar no lado prático do projecto. Como ir, onde ficar, quem levar. O Zeca não conduzia, não porque não tivesse carta, mas porque "seria demasiado perigoso", como a própria Zélia admite. Era distraído ao ponto de sair com um sapato bege e outro preto, recorda Susso. "Não tinha sentido de orientação", diz Zélia. "Perdia-se sempre e ficava muito angustiado com isso."

Nunca trazia dinheiro, a Zélia geria tudo. Até decorava as canções que o Zeca compunha durante a noite e cantarolava para ela. Ele era indisciplinado. Por isso nunca integrou as estruturas do PCP, por não ser capaz de aceitar a rígida disciplina da clandestinidade. Tinha uma péssima memória. "Esquecia-se de tudo, menos das pessoas. Dessas lembrava-se, desde que as visse uma vez", recorda Zélia.

Era ela que guiava o carro, o Renault 4L com que viajavam para todo o lado. Incluindo Londres e Paris, onde tinham ido gravar. Mas naquela data

não poderia. O seu trabalho no Centro de Emprego, única fonte de rendimento do casal, não o permitia.

O Zeca não trabalhava. A polícia proibira-o de ensinar, desde 1967, e, nos últimos dois anos, estava impedido de participar em espectáculos. Figurava como número 1 da lista de artistas banidos pela PIDE. Era considerado o mais perigoso, o mais subversivo. A sua voz era demasiado bela. Comparavam-no a concertos nas universidades ou certas colectividades, mas não podia cantar. Seria preso ou o local sofreria posteriormente represálias. Só o fazia, raramente, em reuniões clandestinas organizadas em matas, na presença de alguns estudantes mais activistas, sem microfones, sempre prontos a fugir.

Em 1969, Carlos Cruz, Fialho Gouveia e Raul Solnado criaram o programa de televisão Zip Zip, onde começaram a ir todos os cantores de intervenção que até à data só tinham tocado em universidades. Apareceu Manuel Freire cantando a "Pedra Filosofal", José Jorge Letria, Sérgio Godinho, Fausto, Vitorino. Foi no Zip Zip que surgiu Almada Negreiros, Mário Viegas. O programa era gravado no Teatro Villaret ao sábado, ia para o ar à segunda-feira. Domingo, tudo era discutido ao milímetro com os censores da PIDE. Os portugueses viram pela primeira vez a outra face da sua cultura, começou a chamada "Primavera marcelista" e o movimento de consciencialização que se revelaria irreversível... Mas o Zeca, a vanguarda desse movimento, o "papa dos cantores de intervenção", intérpre-

te da consciência e da revolução, a voz onde vibrava o sofrimento de um povo inteiro, nunca foi ao Zip Zip. "O Fialho chegou a falar com o Zeca", conta Zélia. "Mas a PIDE era peremptória quanto a isso." O Zeca não podia ir. Ninguém o podia ver nem ouvir. A polícia perseguia-o para toda a parte, fazia rusgas em casa todas as semanas.

Por tudo isto, era importante, apesar de perigoso, ir a Madrid. Lá, poderia cantar. A mensagem seria ouvida. A revolução é universal. Começaram a fazer planos. Teriam de ir de comboio.

José Jorge Letria acompanhá-lo-ia, para cantar. Vitorino acompanharia à viola. Fausto também iria, porque sabia, como ninguém, aqueles acordes africanos. O Adriano, será que pode ir? Quem mais? O Pintinhas na percussão? Alguém objectou. "O Pintinhas não toca nada mas é oriundo da classe operária. Tem de ir", respondeu o Zeca. Mas não podia, porque estava na altura em greve de fome.

O grupo formou-se. Fernando Cascais, na altura jornalista do "República" e da "Flama", foi informado do que se preparava por José Jorge Letria e decidiu também ir, para escrever sobre o concerto. Foi de avião. Zeca, Letria, Vitorino e Fausto foram de comboio. Adriano de carro.

No dia combinado, nos finais de Janeiro de 1974, Zeca saiu de casa e esqueceu-se da guitarra. Voltou para a ir buscar e saiu de novo mas esqueceu-se das letras das canções. Voltou a casa. Saiu mas esqueceu-se do passaporte. Voltou e saiu de novo. Zélia levou-o à estação.

Sábado, 2 de Fevereiro de 1974. Algumas centenas de polícias de intervenção cercavam o perímetro do Colegio Mayor San Juan Evangelista. Falavam com os estudantes que iam entrando. Tentavam dissuadi-los, dizendo que

Onde se lia "o sangue do povo", por exemplo, traduzira "la sangre del pavo", o sangue do peru

era muito perigoso. Mesmo assim, e apesar de a admissão ser paga, o salão do JONI estava à pinha. Umhas 1500 pessoas, sentadas, de pé, amontoadas nas portas.

Susso Iglésias e o grupo de organizadores galegos tinham impresso e distribuído um livrinho com as letras das músicas traduzidas. Como tivera de passar pela censura espanhola, algumas letras foram devidamente modificadas. Onde se lia "o sangue do povo", por exemplo, Susso traduzira "la sangre del pavo", que significa o sangue do peru.

Estava tudo a postos, o público com os livrinhos na mão, como numa aula.

António Gomez, então jornalista da Rádio Popular de Madrid, ficou incumbido de gravar o concerto, para mais tarde se editar um disco. (A Pública não conseguiu apurar se tal gravação ainda existe.) Manolo Beilo, que trabalhava no "cabaret" madrileño Passapoga (e mais tarde se tornou conhecido em Portugal como actor do programa Apanhados e depois como proprietário da empresa que produziu, entre outros, o programa SIC 10 Horas), apresentou os cantores. Falou da canção popular em Portugal, da guerra colonial, do regime.

Começou o espectáculo. Zeca alternava com José Jorge Letria. Zeca dizia, em português: "Página 12", e todos procuravam no livrinho, para seguirem a canção. Vitorino segurava nos papéis com as letras, que Zeca

nunca conseguia decorar. Depois o Zeca fazia uma pequena intervenção política, misturando castelhano com italiano. Gritava: "Viva la sinistra!" E cantava: "A morte saíu à rua num dia assim..."

Letria fazia o contraponto, com canções sarcásticas. Cantou, numa Espanha ainda dominada pelo "generalíssimo" Franco: "Se um general incomoda muita gente..." E depois:

lapéripam paralapíripom..." E por fim a "Grândola, Vila Morena". Um espanhol voltou-se para Susso: "Olha, olha, estou com pele de galinha!" Rui Belo, que era leitor de Português na Universidade Complutense de Madrid, estava na assistência e chorava. No fim, foi falar com os cantores sobre a situação política em Portugal. Também foi falar com eles Manuel Vázquez Montalbán, que era jornalista e chefe de redacção do "Tele-Express", de Barcelona. Prometeu que iria escrever um livro sobre o Zeca. Não se sabe se o chegou a começar.

Na noite seguinte houve outro grande concerto e durante toda a semana pequenas sessões de cantoria com os músicos espanhóis. O Zeca sempre nervoso, sempre a dizer: "Eles andam atrás de mim! Pressinto que vai acontecer alguma coisa." Os portugueses convidaram os colegas espanhóis para o espectáculo que no mês seguinte se realizaria no Coliseu dos Recreios, em Lisboa. Pablo Guerrero e Luis Pastor chegaram a tentar ir, mas foram detidos na fronteira, pela polícia portuguesa. Seria o primeiro e último grande concerto subversivo em Portugal. Estiveram

"Visite Portugal antes que acabe..." (Hoje, José Jorge Letria nem sabe como foram capazes de fazer aquilo: "Corríamos demasiados riscos, éramos completamente loucos.")

Adriano Correia de Oliveira chegou entretanto, mas não pôde subir ao palco porque o seu nome não fora autorizado. Cantou da plateia.

Então Zeca interpretou o "Natal dos Simples" e o "Venham Cantar as Janelas", que acabava com "Vamos todos parar à PIDE vamos... Pampara-

presentes todos os cantores revolucionários, incluindo o Zeca, apesar de não poder cantar. Quando chegou a vez dele, ficou calado. Os milhares de espectadores cantaram em coro, de pé, por ele, a "Grândola, Vila Morena". No mês seguinte aconteceu. O Zeca já sabia. *



Carolina Ferreira

Franco Estrada
6/8/54

Filhos da MADRUGADA

CAMINHADAS - cruzadas na senda do Graal perdido, procura incansável pela plenitude do Ser na crença inabalável de que o impossível não existe. Perseguição do sonho, afirmação peremptória do ideal concretizável e da esperança possível.

José Afonso, o homem, o poeta, o cantor da liberdade e da Revolução dos cravos, que alguns tentam mitificar como se alguém houvesse que não tivesse pés de barro. Ser grande implica a assunção do pior e do melhor, o reconhecimento das virtudes e fraquezas, das vitórias e derrotas, das verdades e enganos.

José Afonso teve a coragem de lutar por um ideal em que acreditava, de imaginar uma humanidade e participar no esforço da sua construção. Mas nenhuma ideologia é perfeita, porque ao sê-lo seria absoluta, não deixando margem para o improvável. Zeca acreditou e, como todo o homem que é sincero nas palavras e nos gestos, merece a admiração de todos.

Sem mitos e sem heróis, apenas o exemplo da atitude a cultivar no caminho, seja qual for o percurso escolhido. José Afonso ilustrou a Utopia. Fragmentos de um Zeca real e outro ideal, fundidos numa presença que esmaga todo o conformismo e faz ferver a imaginação, que se evade na busca de alternativas a um quotidiano de escravidão e sofrimento.

Pelo caminho deixou o amor por uma identidade maior e a manifestação de um sonho que professava a necessidade de uma transformação individual e colectiva. O perpétuo devir, movido por sucessivos valores que se levantam sempre mais alto, numa vivência devorada por angústias e amarguras.

Pelo caminho ficaram eternas gerações que para sempre recordam letras intemporais. Amigos foram e serão todos os que vêm e vivem a causa de novas aspirações, o combate de novos adamesores e a edificação de novas obras, num infinito acto de criação.

Os Filhos da Madrugada, os seus filhos, homenagearam-no na colectânea em CD, que congregou 20 dos mais representativos hinos de Zeca. O sucesso traduzido no disco de platina foi transposto para o palco num Mega-concerto realizado no dia 30 de Junho em Avulade. Não obstante eventuais oportunismos de marketing e comércio, a iniciativa valeu porque divulgou a sua música a uma jovem multidão em riscos de crescer na ignorância de um dos mais ricos contributos para a música tradicional portuguesa.

Contra o desconhecimento e o branqueamento, contra o esquecimento e a indiferença, por uma história de resistência e coragem de alguém que soube morrer de pé. Exponente da música popular, na sua boca as canções de embalar transformam-se em baladas de intervenção emblemáticas das suas posições anti-fascistas e anti-colonialistas.

Filho não é quem repete, num acto de cegueira total, os passos do pai. Admirar não significa seguir mas respeitar. Para sempre, filhos são e serão todos os que com José Afonso aprenderem e sobretudo acreditarem que a UTOPIA para o ser, é necessariamente possível, porque no mais íntimo de cada indivíduo repousa a capacidade de emigrar do presente mais crítico para o futuro mais longínquo, onde se erguem castelos de cristal.

utopias

“Quando um homem se põe a caminhar deixa um pouco de si pelo caminho. Vai inteiro ao partir repartido ao chegar. O resto fica sempre no caminho quando um homem se põe a caminhar.

Fica sempre no caminho um recordar fica sempre no caminho um pouco mais do que tinha ao partir do que tem ao chegar. Fica um homem que não volta nunca mais quando um homem se põe a caminhar.